A fórmula secreta

Fernando Mesquita

Fernando Mesquita

A Fórmula Secreta

1ª. Edição

Rio de Janeiro - RJ

2017

Copyright ©2017 - 1ª edição

ISBN 978-85-912468-1-6

Literatura brasileira - Ficção

Título - A Fórmula Secreta

Autor – Fernando Mesquita

Capa – Imagem extraída gratuitamente da Pixabay

Todos os direitos reservados. É proibida a duplicação ou reprodução deste livro, ou de parte dele, sob qualquer forma ou meios, sem permissão do autor. Os conceitos emitidos neste livro são de responsabilidade exclusiva do autor

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-912468-1-6
9 788591 246816

Todo grande progresso da ciência resultou de uma nova audácia da imaginação

(John Dewey)

Entre as festas dos Deuses e a segunda guerra mundial

O ano é 1940 – Nos campos de batalha da segunda guerra mundial já declarada, soldados camuflados nas extensas trincheiras de terra, chamada também de terra de ninguém, cavadas por eles mesmos para se protegerem das forças inimigas; estando numa posição posterior a redes de arame com suas armas apoiadas sobre os tripés, disparam contra os adversários que vem avançando nos seus delirantes e aterrorizantes gritos a frente de batalha contra as forças nazistas alemães: "angreifen" ... Atacarrrrr!!!

Margeando a irresistível floresta formada por divinos pinheiros e altos eucaliptos, ela vem serpenteando a traquear fugaz sobre os engenhosos trilhos rentes às baixas e altas vegetações, a pálida claridade, que ora sim, ora não que se formava no interior dos vagões, logo, logo, se transformou na completa e sombria escuridão.

Vigorosa e tão deslumbrante, disparou o longo apitar, e no sublinhar da esplendida graça a opaca luz resplandeceu, descerrando a passagem pelo escurento túnel.

Ao passo que a máquina segue adiante na sublime missão a deslizar serena, das esquinas de ruas estreitas e calçadas quebradas que se seguem até a praça pública, grupos de minguados fiéis em procissão ocultados nas suas estranhíssimas máscaras, numa crendice dos antepassados, na fé divina com objetivo de serem atraídos aos sagrados Deuses, conquanto, sufocados pelo clima abafado, vão cantando nos passos desconcertantes as saudosas canções religiosas sem quaisquer expectativas.

Rendidos de tantas infelicidades e incertezas ameaçantes, o locutor da rádio de ondas curtas que emitia chiados, no invejável vozeirão, mesmo contra vontade, interrompe a programação dedicada ao padecido e combalida celebração, noticiando as impiedosas e terríveis manchetes dos conflitos bélicos agregados à segunda guerra mundial e o estado precário de saúde que vem assolando a população carente.

Essas populações relutantes que habitam a parte baixa assim denominada pelos colonizadores estrangeiros, despedaçadas pelo descaço da árdua política irrefletida, além de venerar esperançosos para que mais uma noite não venha cair sobre terra em busca de vidas para ceifar, e mesmo nesse

cenário de angustia, apoiados na mureta da ponte de pedras, erguida por escravos sobre o canal de águas límpidas a escorrer serena, aproveitam para apreciar as enormes montanhas rochosas, que unidas com a robusta mata formoseiam a fascinante paisagem. Alguns com a sua crença se agrupam a orar e clamar aos deuses que dias de desgraça não perpetue.

E lá vem ela. Pela manhã, por volta das 10 horas, ao longe se escuta o ampliado e agudo apito da ilustre locomotiva pedindo passagem. Alcançando a linha reta de chegada a magnifica máquina avança bufante a expelir o vapor acinzentado, e coberta pela fumaça vai cessando gradativamente.

Da janelinha da cabina, o condutor, o ancião barbaçudo de barbas honradas tão quanto o seu ofício de conduzi-la, repicando o pequenino sino.

Sobre a ponte, até os visitantes que admiravam respeitosamente o pequeno povoado em vigília, atentaram para a chegada, da triunfal e tão esperada locomotiva.

Os rebentos, - as crianças -, sendo as mais afetadas pela ironia do destino, na inocência da idade, se enveredam descalças

pelos trilhos alvoraçadas em direção à estação.

Como se não bastasse à insólita desunião dividida por parte baixa e a alta, o preconceito na mais profunda cisão racial blindado por brancos e negros, vai além do imaginário.

No interior dos vagões, na qual, água e azeite não se misturam, traça-se o infortúnio linha de separação por odiosas correntes.

os brutos agentes ferroviários, acobertados pelos irritantes e odiosos cassetetes, interrompe a alegria das inocentes criaturas que queriam apenas saudar os distintos visitantes e festeiros.

Nesses contrastes discriminativos, veio o que já se previa.

Um exército de fiéis mandado pelos Deuses, revoltosos e não conformistas, cansados de serem diferenciados no ímpeto da desventura infernal; começaram a clamar vingança se atracando com os depressíveis agentes encadeando-se dessa forma certo conflito étnico.

Dos desconfortáveis vagões, de pé, outros de joelhos sobre os bancos, a janela, vendo toda a confusão e dos métodos injustos que eram aplicados aos pequenos,

no inflar das discórdias; passaram a implorar no dilatado e exaltados clamor para que as portas fossem liberadas.

Evitar uma tragédia maior. Possuído por uma reflexão justa para o momento, o valente barbaçudo, - barbas grandes -, recusou-se até em abri-las. No que o clima se apaziguou em deveras harmonia, acatou o clamor.

O respeitável e determinante pisar no estribo, anunciava o desembarque do passageiro, 29 anos, que envolvido no paletó longo, e pela bagagem que trazia, suspeitava-se ser de um homem simples.

Devido ao retardo do andamento da viagem pelas bruscas e imprevistas circunstâncias, o condutor prenunciou badalando o sino alertando que a famosa 'Maria fumaça', prosseguirá na sua tarefa de ir e vir.

A fumaceira desvaneceu-se a fina força do vento abrindo dando chance ao pasmado recém-chegado correr as cansadas vistas que inspira saudade ao redor da estação, que sem aviso, leva um baita susto, quando um grupo de romeiros, espremido na apertada plataforma, passam cantando com aperto no

coração, sem simetria, as cantigas das procissões nunca esquecidas.

Nisso, o caça de guerra passa riscando o ardoroso céu, de todo modo, os peregrinos levantaram poeira espalhando um pouco de benção, ele, no momento em que procura se recuperar dos inesperados percalços como, por exemplo: as confusões na estação e da desanimação do evento tão sagrado, espanando os confetes do simplíssimo paletó, no gesto cortês, o sorriso reluziu ao casal que vinha de meia-máscara na retaguarda.

Restaram apenas ele e o banco de ferro estilo jardim. Sentado de pernas esticadas nesse banco, contempla no fluir da saudade, a mais bela de todas. A vasta floresta protegendo a bela montanha.

Do apreciável relógio de bolso (lembrança de uma paixão acalorada de São Francisco 'EUA'), preso na presilha da calça, mira-se no girar do ponteiro que se deslocava a cada segundo e repõe no bolso.

No decorrer das atormentadas espera e expectação, olhar perdido, incansável e decidido, se pôs a margear o calado caminho de chão.

Da face desconfiante, brotava o incômodo suor. Movendo-se sobre os rastros

deixados por pesadas carroças de bois, sem demora, ouve-se o roncar estridente de um motor que vinha ao longe.

O estalar abusivo cortou os ares. E o determinante se fez ressoar agigantado: "Mathias cuidado". E a desgastada carroça empilhada de caixões prensados na improvisada corda, que pareciam querer pular, puxada pelo raquítico cavalo que levava insanas chicotadas no magro lombo, debanda-se fulminante.

O alerta elevado foi anunciado pelo o tão esperado Adonias Duarte, 27 anos, que elevou o braço brecando o caminhão de carga Truncado 1938.

No abrir da porta e sem ao menos se desculpar pelo desleixo na pontualidade lança: "Se eu não chego na hora o que seria? O que aconteceu lá na estação?

- Apenas falta de respeito com o ser humano resultado de uma sociedade mesquinha. Racismo..., tudo envolvido...

A mala arremessada na carroceria foi amortecida pelos capins e fenos. Firmando-se no baluarte, desajeitado por ser canhoto, impulsiona o corpo e..., pronto.

A imagem selada no vidro traseiro e a ferradura que se movia hesitante no

retrovisor interno evidenciando a paixão do amigo pelos cavalos, o fez manter-se na serenidade.

Não tardou e o fio de pensamento é interrompido por Adonias: Mathias, daqui ouço os seus pensamentos. E na ligeira inspeção no rosto do abismado Mathias como se desejasse dizer algo, envolvido pela ansiedade apertou a buzina perene: Segure-se firme.

Até que se enveredando a sacolejar pelo precário carreiro, o veículo empacou. Adonias irritou-se: Temos que aguardar o motor esfriar. Essa camionete é de difícil manutenção... Eu já tentei, de todas as formas, convencer o nosso Duarte em desfazê-lo trocando por outro, mas ele não cede, é cascudo por demais. Oba! Pegou.

Dominado pelos inconstantes movimentos inseguros do trajeto conhecido pelo nome de caminho de cabras, Adonias segue protestando: E a história se repete. De mais a mais, não teremos festa no clube e por isso não veremos as belas romeiras que costumam vir à cidade... As coisas aqui não mudaram nada...

... Estou vendo..., resmungou Mathias entre dentes deslizando o antebraço na

testa para aliviar o incômodo suor misturado à poeira.

Está ouvindo?! É o sino da paroquia repicando. Só vive tocando a finados.

Gladiar tempestivamente no complicado caminho onde o pior poderia acontecer, tipo uma capotagem, sem contestar, era as cores nítidas da realidade no momento.

No decorrer das arriscadas e sucessivas braçadas ao volante em movimento oscilante para se livrar dos obstáculos, no solavanco com algumas cabeçadas no forro do teto, surgiu o comentário no esgar do nariz: Mas a estrada está pior do que antes.

"Cada vez ruim!" - Emendou o amigo Adonias.

Mathias na sua mudez expectante contempla no mover de cabeça lentamente a caliginosa imagem, e friccionando o lenço pela face abaixo até o peito, no esfregar do nariz arfou contraindo a face: "Esse odor forte de fossa que exala dos esgotos a céu aberto, "My God". Isso é chamativo para doenças...".

Ih! É só prender a respiração! O amigo deu uma enrolada de língua!

Eu disse "My God". Que traduzindo para na nossa língua quer dizer: "Meu Deus".

Sei!

Surge o desviar preciso da enorme poça de lama que por um triz os amigos não estariam atoladiços.

Misturado as cantorias com rezas que ressoava de um vilarejo erguido pelos escravos à margem da linha férrea, já se ouvia o alerta do nível da cancela da ferrovia.

Do vilarejo de pequenas casas de telhas coloniais, via-se o malvado carroceiro descarregando uma das frágeis urnas, que mal dava para aliviar o peso do explorado animal.

Mathias deslizando as pontas dos dedos no embaçado retrovisor interpelou: E aquele amontoado de gente?...

Ué! Você não reparou o carroceiro descarregando a urna? A brusca resposta brotara de uma virada de rosto, que no desvirar concluiu: Tudo leva a crer que mais um fulminado pela doença partiu. Um escolhido pelo destino. Creio que nesta altura está frio de canelas esticadas livres de toda desgraça e rodeado de amigos e de murchas flores na extremidade da mesa, adornou trocando a marcha.

Aquela paquerada à direita outro à esquerda a camionete parou na convidativa sombra projetada pela frondosa árvore.

A máquina foi fluindo e a prosa prosperou: Aquele grupo de pessoas que você viu... Tem sido comum aqui na região. Muitos deles misturados as terríveis condições de vida adoecem. É doença em cima de doença meu nobre... Os médicos do único hospital da cidade, sem recursos e sem ter como acudir os doentes, os liberam no pesar dos pesares, deixando-os morrer em seus lares próximos dos familiares. E sem contar que estamos empestados de pragas, parasitas e roedores: Ratos e Ratazanas. Qualquer dia eles nos expulsarão. Os turistas!? Ahhh! Os que vêm aqui nos visitar... Eu, distinto que sou, considero-os como nós "Uns bravos guerreiros".

O trem silvou prolongado e agudo à larga distância.

A cancela se pôs em riste balançante liberando à passagem.

"Epidemia?! Está na hora de extirpar este mal!" Sussurra o cientista desinquieto a se sacolejar.

EITA FERRO! — Disparou Adonias na jovialidade exata, que descontraído, e no

dever imperioso se glorificou: Consegui desviar de mais uma lombada. Entre uma braçada e outra, é preciso atentar-se. Se tivesse um campeonato de como desviar desses buracos, que parecem até um campo minado, com certeza eu ganharia.
Por sorte chegamos inteiro.

De um pulo considerado assuntou no fruir da agitação: Mas me conta... O que fez o amigo retornar? Foi à guerra foi? Quis saber Adonias tentando alcançar à singela bagagem apoiando-se num dos pneus.

Mathias também fez a sua graça, e, diga-se de passagem, salto digno de atleta. E com isso aproveitou para fazer a sua graça: Mas duvido que ganharia no salto ornamental. Bateu de cabeça erguida os sapatos no solo. Podia ver com nitidez a leveza estampado nas suas feições. Afundou os polegares no cinto da calça deixando o amigo a ver navios.

Alcançando a alça da mala, ao levantá-la, clamou: Ei companheiro... EI, elevou o tom! O que traz aqui? A estátua da liberdade?

Livros! E disparou-se desafiante: Quem chegar por último é a mulher do padre.

— A é! Sempre querendo ser o mais esperto né! Pega – Pega. O estrondoso som. Outro caça passou rasante.

De feição confusa e de mãos unidas em forma de oração e olhos a léguas de distância aos noticiários devastadores da guerra. Burburinhos deslumbroso apontou a bom apressar despertando-o. Gira o botão do rádio de madeira e no imperceptível clicar desligando-o, solevantou-se.

Perante o oratório, desenhou no ar a abençoada cruz sobre si mesmo, pôs os óculos leves sem hastes, cravou os olhos pela fenda da janela, e atentou-se por um momento os jovens que se sentiam a vontade correndo pelo vasto pasto feito crianças.

Entre fiapos de fenos que rolaram pelo chão, Duarte se aproxima do curral dos bovinos, e bem antes de adentrar, viu ao longe uma das ovelhas arriada sobre o chão respirando ofegante recebendo afagos na inquieta barriga. No aflorar da pura felicidade, em meios aos balidos das agitadas ovelhas e carneiros que pareciam conhecê-lo; pronunciou:

— Essa é a nossa mascote. Genitora. Das melhores. De certo você não deva se lembrar dela. Nasceu no dia em que você partiu.

O jovem ergueu-se alertando que a mascote precisava ser imunizada o mais rápido possível. A sua idade de vida condizia realmente com o seu retorno. Dez anos, tempo que um bovino consegue sobreviver. Aproximou-se do fazendeiro recebendo o calor das boas vindas:

— Fico muitíssimo honrado e ao mesmo tempo em plena felicidade em revê-lo garoto. Contemplando-o não hesitou em elogiá-lo: Você está ótimo e muito mudado.

A ovelha berregou agitadíssima. Adonias, por favor, — Gritou Duarte! E envolvendo um dos braços no pescoço do jovem: Não ouviu o que o nosso doutor falou? Vá pegar as ampolas.

Ar indefinível, Duarte deu um caloroso e fiel abraço no filho do coração que se exprimiu emotivo revelando: Tempo que eu não sentia esse carinho de família, e disparou para socorrer a esvaecida ovina ao ver o amigo irmão correndo.

Pai! Aqui estão!

Entrega a ele antes que seja tarde demais.

Cansado, Duarte pôs o caixote rente a uma viga e recostou-se para observar o trabalho, cheio de orgulho.

E os dias na fazenda a pouca distância da região montanhosa, foram de lutas na tentativa de salvar os rebanhos, fonte de renda da família Duarte por gerações.

Os jovens que cresceram dividindo as mesmas brincadeiras de infância, agora, juntos, vivem a cuidar da fazenda.

Reformaram as cercas para que o rebanho não fugisse para as montanhas e que não fossem atacadas na calada da noite pelos predadores famintos. Coisas da natureza.

Mathias, nascido Mathias Goulard, é um cândido marcado pela tragédia.

Ele tem fala calma, às vezes é sorridente, mas se entristece ao lembrar que nos seus apenas seis anos de vida, quando voltando da escola teve a infelicidade de ver a doce mãe morta na choupana por problemas cardíacos. Nem mesmo o tempo fez com que ele esquecesse a expressão sempre meiga.

‘Mulherengo e aventureiro’. Era desta forma que ele descrevia o ausente pai, que na época prestando serviço militar, retornando em 1918 no vagaroso e barulhento navio preste a atracar no porto. Doente, antes mesmo de calcar em terra firme, como a maioria no dilema da doença e no ponto alto da fraqueza, acabou morrendo no porão pela pandemia de gripe. Acredita-se que o corpo dele não fora diferente dos demais que acabou sendo arremessado ao agitado mar.

Desde então, Mathias aluno disciplinar, no ano de 1930 nos seus 19 anos de vida, ao se libertar do internato, e por ter sido um exemplo, aluno acima da média, no entanto, estando alojado na fazenda do senhor Duarte, e quando tudo parecia pequeno, numa bela manhã de inverno, estando ele cuidando de uma ovelha prestes a dar à luz, o carteiro que vinha pedalando a velha bicicleta, gritou o seu nome “Mathias” e lhe entregou o que iria revolucionar a sua sossegada e plácida vida, um telegrama.

Na escrita. O convite lhe dando a oportunidades de estudar na melhor universidade dos Estados Unidos.

Desse amor visceral pela biologia, e na sucessão dos anos de total dedicação e

simetria voltada aos estudos empenhando-se em nome da ciência, se formou em 'Ciências Biológicas'.

Tempos depois, empregando todas as forças e energia por toda região nas entregas das lãs para as fábricas de fiação, ficava chocado com a desgraça que assolava a pátria querida em todas as direções.

Inconformado e intrigado com o futuro dos compatriotas, mesmo desprovido de condições financeiras, dispondo de algumas reservas, porém, sentimento humanitário, teve o deslumbramento de querer produzir as próprias vacinas e ajudar no combate às endemias que não paravam de crescer.

Vejo que estou perante o ilustre Dom Quixote! É isso mesmo doutor Goulard?

Que assunto é esse rapaz, de Dom Quixote!?

Sim! Aquele fidalgo simpático que não passava de um sonhador.

Mas o amigo que aqui vos fala é real. Eu existo. Igualo-me a esse personagem apenas no quesito 'pensamento', que são mais elevados do que os meus próprios recursos financeiros! E além do mais, essa

história não passa de ficção. Nada contra. Muito criativa por sinal.

Apesar dos pesares. Mais do que inspirado, o jovem Adonias lançou um sorriso jovial dando ênfase à iniciativa do irmão.

Esse jovem, forte por resistir às dores do abandono da desalmada mãe, que preferiu prostituir-se aos poderosos, e que nunca dera pista de sua existência, sendo o braço direito do pai, que sofrera a forte decepção, agora com o apoio do valente irmão de coração, tens a frente a brava e árdua missão de cuidar do rebanho de ovelhas, e quando não está assumindo os negócios, é atravessar o campo a galopar o cavalo marrom dono da chamativa pinta branca no centro do focinho.

Antes mesmo de terminarem o delicioso lanche na farta mesa de madeira rústica da fazenda, agregado ao interminável bate-papo sobre o futuro dos negócios da fazenda, o fazendeiro mesmo desacreditado o alertou:

Tudo isso é complicado meu nobre cientista. Com certeza não é como cuidar dos nossos negócios. E você é sabedor de que as coisas aqui e por esse mundo a fora devido essa miserável guerra, não andam bem. E olhe que o nosso país ainda nem está

à frente dessa batalha. Mas tudo bem! Dou-lhe cinco minutinhos, mostrou os dedos da calejada mão erguido no ardor de convencê-lo a desistir da loucura, e no decorrer em que segurava o copinho de licor sabor menta, um tanto compreensível, mencionou no indicar do caminho apontando para cima: Se você está determinado, e se é para o bem desse povo tão sofrido...

Duarte na espontaneidade se levanta se edificando cheio de graça, que no alçar do copo dá os comandos:

Tudo em prol da ciência. Vamos pôr um fim nesse blá, blá, blá. Então ficamos combinado assim. Amanhã de manhã, nós três iremos até o casarão, que eu restritamente chamo de ruínas. É bem afastada..., bocejou. Vou descansar. Apaguem as lamparinas inclusive as da varanda. Se bem que com o vento que veio revoltoso, creio que nem será preciso, pois a própria natureza deve ter se encarregado em apagá-las. E vê se não fiquem de converse até as altas horas. Fiquem na paz do senhor.

Amém! — Os jovens responderam simultaneamente no dilatar das pupilas se encarando!

Mesmo que quisesse Mathias não conseguia camuflar a fisionomia ruborizada.

Pouco depois, o fazendeiro Duarte a frente do quarto, pressionando as mãos sobre as têmporas firmando brandamente: "Mas tem uma coisinha que eu gostaria de dizer meu rapaz".

As expressões faceiras de ambos murcharam descambando sentido a um espanto repentino.

Qual? Quis saber o filho no enrugar da testa:

Tenho que procurar a chave do imóvel, e se retirou.

AS CHAVES, entonou imediatamente o filho no elevar da voz às gargalhadas respeitosa.

E no encolher dos olhos diante da brincadeira, Goulard solta uma sonora rizada dizendo:

— Nosso pai sempre brincalhão.

— Ele estava zombando de nós.

— Posso saber de antemão que lugar bem merecedor e abençoado é esse que abrilhantou assim do nada?

"Fica na parte alta e bem afastada da cidade". A resposta despontou do reservado quarto. E Duarte por fim, assoprou a chama da lamparina e se cobriu.

Os dois voltaram a cumprir à missão de apagar as lamparinas, aos respeitáveis olhos alegres de Mathias que abria um sorriso:

— O louvado está ótimo!

— É!!! — Ciciou Adonias impreciso. E se ajeitando prosseguiu: Às vezes as palavras estão na ponta da língua e ao invés de se esforçar para lembrar, ele faz pouco caso e segue a vida — Voltando ao assunto: É um casarão sucateado não muito charmoso. Está abandonado ao longo do tempo. O clima lá é excelente.

— Espera. Você está querendo-me dizer que é...

— Isso mesmo. Espero não encontrar fantasmas naquela fragmentada fiação de lã "Duarte Tecidos".

Ouviu-se a pancada do enorme ferrolho sendo encaixado com firmeza na obrigação de proteger o interior da fazenda. Bastou aquela baita vaporada, e a derradeira chama que se debatia esperançosa a clarear, apagou-se.

Boa noite, amigo!

Boa noite. Dom Quixote, de La Mancha. Dorme na paz.

Sentados na saudosa cama, sem deixar escapar uma palavra se quer, Mathias passou a rabiscar algumas pérolas com letras bem grandes e espaçadas no íntimo diário.

O amanhecer surgiu com decência rapidez, porém, feio e o bravo vento soprava enervante.

Diante do oratório, Duarte na veneração amável, dá por encerrado a abençoada reza matinal. Envolvido no comprido casaco que esvoaçava ao redor dos tornozelos, soprou as mãos desaquecidas, esfregou-as e meio em orbita com a chuvarada que caíra na madrugada, se junta ao filho que terminara de ajeitar o rebanho, e no hesitante passo, vinha o biólogo. E não demorou, lá estavam eles a se espremerem na apertada cabine.

Vamos pela serra filho. Assim o nosso amigo dá um basta nessa saudade para rever as nossas belezas naturais.

Se der né pai. Dê uma olhada para cima. O senhor vai ter a impressão de que o juízo final está próximo. Mas..., como é o homem lá de cima que dá as cartas...

... É isso mesmo. E os deuses da montanha nos protegem sempre. E não é justamente debaixo desse céu carregados de conturbadas nuvens que vamos ficar órfão, apregoou o abençoado fazendeiro com toda fé